



NIALL FERGUSON

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO

TEMPORADA 2017

Expediente

Fronteiras do Pensamento® Temporada 2017

Curadoria

Fernando Schüler

Direção Comercial

Pedro Longhi

Coordenação Editorial

Luciana Thomé

Marketing

Karina Roman

Equipe

Denise Donicht
Francisco Azeredo
Michele Marten

Pesquisa

Juliana Szabluk

Editoração e Design

Lampejo Studio

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

CIVILIZAÇÃO

A SOCIEDADE E SEUS VALORES

O *Fronteiras do Pensamento*, em seus 10 anos de história e mais de duas centenas de conferências internacionais realizadas, traz ideias, fomenta debates e estimula a inquietação e o questionamento, apontando os caminhos para as **questões fundamentais da atualidade**.

Desde 2007, o projeto oportuniza um espaço para a discussão a respeito do mundo em que vivemos e daquilo que está ao nosso alcance fazer pelo nosso futuro. A cada temporada, a série de encontros com **intelectuais reconhecidos em suas áreas** de atuação concretiza o objetivo de promover educação de alta qualidade, enaltecendo preceitos como liberdade de expressão, diversidade geográfica e pluralidade de ideias.

Em 2017, o projeto realiza oito eventos internacionais com renomados pensadores para discutir o que nos conecta enquanto civilização. O tema da temporada é **Civilização – A sociedade e seus valores**. O conceito de civilização está representado no conjunto que nos define e que, em momentos de crise e a partir dele, pode gerar novas ideias.

Muitos são os valores que ditam ritmos, constroem relações e determinam minúcias e grandezas em nosso mundo. Na **CIÊNCIA**, uma teoria física que ousa conceber um espaço-tempo onde o infinito não existe. A respeito da **LEVEZA**, a discussão sobre o culto contemporâneo à felicidade em contraposição à rotina veloz que enfrentamos. O olhar da literatura como forma de disseminar a **COMPAIXÃO** e a **MEMÓRIA**, retratando conflitos e conquistas a partir do olhar do outro. A busca por **IGUALDADE** e por condições justas a todos. A importância do **DINHEIRO** e o peso que ele representou para o progresso e a modernidade ao longo da história. Cada um com sua **IDENTIDADE**, analisada a partir do espelho que ressalta nossas diferenças e nossas semelhanças. Cada um em sua busca por **DIGNIDADE**, construindo um novo cenário a partir das nossas diferenças e semelhanças. Quando o que mais ansiamos é um futuro de **LIBERDADE**.

Valores que, por meio dos conferencistas internacionais convidados e dos temas que serão apresentados, o *Fronteiras do Pensamento* vai resgatar, analisar e debater.

CONFERENCISTAS

TEMPORADA 2017

NIALL FERGUSON

(Escócia, 1964)

Historiador e pesquisador britânico. Professor da Universidade de Stanford, é apresentador de TV e autor de obras de referência como *Civilização* e *A ascensão do dinheiro*.



O Ocidente não está condenado. A não ser que permitamos que estes problemas se agravem – o desequilíbrio entre gerações a nível orçamental, o excesso de regulação, o mal-estar no Estado de Direito, e o declínio da sociedade civil – se os reconhecermos, poderemos agir.

Ferguson é um dos mais renomados historiadores da Grã-Bretanha. Com pós-doutorado em História pelo Magdalen College da Universidade de Oxford, foi considerado pela revista *Time* como uma das cem pessoas mais influentes do mundo. Especialista em economia, mercado financeiro e história econômica, lecionou em instituições como a Universidade de Harvard e a London School of Economics.

É autor de 14 livros, incluindo *Império – Como os britânicos fizeram o mundo moderno*, *A ascensão do dinheiro – A história financeira do mundo* e *A grande degeneração – A decadência do mundo ocidental*. Em *Civilização – Ocidente x Oriente*, relançado no Brasil em 2016, apresenta uma narrativa referencial para a história do mundo moderno.

DESTAQUES

Atualmente, é professor e pesquisador na Universidade de Stanford, onde trabalha em seus estudos sobre o diplomata norte-americano Henry Kissinger e cujo primeiro volume da biografia já foi lançado. Roteirizou e apresentou cinco séries de documentários na BBC e transmitidas na televisão britânica e em outros países. Sua série *A ascensão do dinheiro* venceu o Prêmio Emmy de melhor documentário. Também escreve para publicações como *Financial Times* e *Newsweek*.

Niall Ferguson defende que os ocidentais desenvolveram aplicativos que possibilitaram uma vantagem no passado, mas que não são garantia para o seu futuro. Seu trabalho foi agraciado com o Prêmio Benjamin Franklin, o Prêmio Hayek e o Prêmio Ludwig Erhard de Jornalismo Econômico.

Ferguson tem vários livros publicados no Brasil. Em *A guerra do mundo – A era de ódio na história*, faz um retrato definitivo sobre a história das guerras do século XX. Em *O horror da guerra*, faz uma análise sobre o conflito que assolou a Europa e o mundo entre 1914 e 1918, abordando questões como os reais motivos que deflagraram a guerra, a reação da população dos países envolvidos, as condições em que os soldados lutavam e o processo de formação da Entente e da Aliança.

<https://is.gd/Ferguson1>

<http://www.planetadelivros.com.br/niall-ferguson-autor-000058404.html>



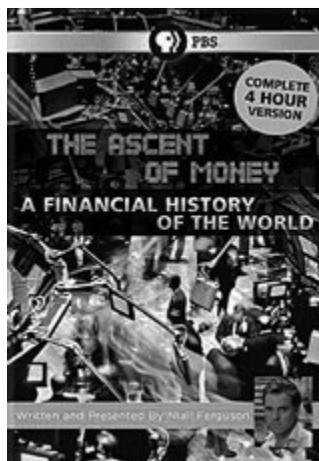
Em *A grande degeneração*, explica que o declínio do Ocidente já foi profetizado há muito tempo. Hoje em dia, há inúmeros sintomas disso ao nosso redor – crescimento lento da economia, dívidas altas, fragilidade das leis, população cada vez mais velha e comportamento antissocial. O autor revela algumas das possíveis causas dessa degeneração, argumentando que a chave talvez esteja na análise de quatro instituições essenciais do mundo ocidental: o governo representativo, o livre mercado, o Estado de direito e a sociedade civil.

Em entrevista concedida à revista *Época* em setembro de 2011, Ferguson falou sobre terrorismo, o papel dos Estados Unidos e os ataques de 11 de setembro. “Os Estados Unidos são um império em negação. Deveriam exercer seu imperialismo de forma consciente, reconhecer o poderio que têm e aprender com os fracassos e conquistas anteriores. O poder norte-americano ainda é e será enorme. Mas como os vitorianos pareciam hipócritas quando espalhavam civilização com a metralhadora, é impossível democratizar Fallujah com tanques.”

<https://is.gd/Ferguson2>

<http://revistaepoca.globo.com/Mundo/noticia/2011/09/niall-ferguson-os-estados-unidos-sao-um-imperio-em-negacao.html>

Seu longa-metragem *Kissinger*, que apresenta a trajetória do diplomata norte-americano Henry Kissinger, foi premiado no New York International Film Festival. A produção foi baseada na biografia escrita por Ferguson, publicada em dois volumes. E sua série *A ascensão do dinheiro*, produção da PBS, venceu o Prêmio Emmy de melhor documentário. Nos episódios, por meio de entrevistas com profissionais do mercado financeiro e linguagem acessível, Ferguson mostra como os mercados de crédito evoluíram e conquistaram o mundo.



Em setembro de 2011, Ferguson participou de um evento do TED. Na ocasião, falou sobre os seis aplicativos mortais da prosperidade. Resgatando a ideia principal do livro *Civilização*, mostra quais foram as invenções que promoveram saúde, estabilidade e inovação ao Ocidente.

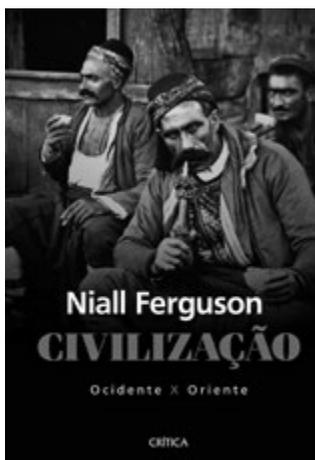
<https://is.gd/Ferguson3> (legendado)

<https://www.youtube.com/watch?v=xpnFeyMGUs8>



“Nos países ricos, o crescimento econômico se mantém terrivelmente baixo desde 2008. A desigualdade social hoje é tão acentuada quanto era durante a década de 1920. Isso sem falar que a política está cada vez mais polarizada. Além disso, há uma desilusão generalizada, especialmente entre os mais jovens, cujas perspectivas para o futuro são piores do que as que qualquer geração enfrentou desde a Grande Depressão.”
(Exame, outubro de 2013)

CIVILIZAÇÃO: OCIDENTE X ORIENTE



NIALL FERGUSON
(Planeta, 2017 – 456 páginas)

Em Civilização, Ferguson aborda o que fez com que a civilização europeia sobrepujasse os impérios do Oriente. Segundo ele, tudo se deve a seis incríveis “aplicativos” que o Ocidente desenvolveu e que ninguém mais tinha: a competição, a ciência, o direito de propriedade, a medicina, o consumo e a ética do trabalho. Por fim, o autor se pergunta se o Ocidente continua tendo condições de dominar o mundo hoje da mesma forma que sempre fez – ou se, na verdade, estaria indo rumo à decadência e à queda. A seguir, segue trecho do livro, publicado no Brasil em janeiro de 2017.

Para usar a linguagem do mundo computadorizado e sincronizado de nossos dias, estes foram os seis “incríveis aplicativos” (ou *apps*) que permitiram que uma minoria da humanidade, originando-se no extremo oeste da Eurásia, dominasse o mundo durante a maior parte dos últimos 500 anos.

Agora, antes que você escreva para mim indignado, reclamando que esqueci algum aspecto crucial da supremacia ocidental, como o capitalismo ou a liberdade ou a democracia (ou, aliás, armas, germes e aço), leia as seguintes breves definições:

1. A competição: uma descentralização da vida política e econômica, que criou as condições para o surgimento dos Estados-nação e do capitalismo.
2. A ciência: uma forma de estudar, entender e, finalmente, transformar o mundo natural, que deu ao Ocidente (entre outras coisas) uma importante vantagem militar sobre o restante.
3. Os direitos de propriedade: o controle da lei como um meio de proteger os proprietários privados e solucionar pacificamente as disputas entre eles, que assentou a base para a forma mais estável de governo representativo.
4. A medicina: um ramo da ciência que possibilitou uma importante melhoria na saúde e na expectativa de vida, inicialmente nas sociedades ocidentais, mas também em suas colônias.

5. A sociedade de consumo: um modo de vida material em que a produção e a compra de roupas e outros bens de consumo desempenham um papel econômico central, e sem o qual a Revolução Industrial teria sido insustentável.

6. A ética do trabalho: um sistema moral e um modo de atividade derivados do cristianismo protestante (entre outras fontes) que fornece coesão à sociedade dinâmica e potencialmente instável criada pelos itens 1 a 5.

Não se engane: esta não é mais uma versão presunçosa do “triunfo do Ocidente”. Pretendo mostrar que não foi só a superioridade ocidental que levou à conquista e à colonização de grande parte do restante do mundo; foi também a fraqueza fortuita de seus rivais. Na década de 1640, por exemplo, uma combinação de crise fiscal e monetária, mudança climática e epidemia desencadeou uma rebelião e o colapso da dinastia Ming. Isso não teve nada a ver com o Ocidente. Da mesma maneira, o declínio político e militar do Império Otomano teve mais causas internas do que externas. As instituições políticas norte-americanas floresceram à medida que cresciam as feridas da América do Sul; mas o fracasso de Simón Bolívar em criar os Estados Unidos da América Latina não foi culpa dos gringos.

O ponto crítico é que a diferença entre o Ocidente e o restante do mundo era institucional. A Europa Ocidental superou a China em parte porque no Ocidente havia mais competição tanto na esfera política quanto na econômica. A Áustria, a Prússia e, mais tarde, até mesmo a Rússia se tornaram mais eficazes em termos administrativos e militares porque a rede de comunicação que levou à Revolução Científica surgiu no mundo cristão, mas não no muçulmano. A razão pela qual

as ex-colônias norte-americanas se saíram muito melhor que as da América do Sul é que os colonizadores ingleses estabeleceram no Norte um sistema de direitos de propriedade e representação política completamente diferente daquele implementado por espanhóis e portugueses no Sul. (O Norte era uma “ordem de acesso aberto”, em vez de fechado, administrada segundo os interesses de elites exclusivas e em busca de privilégios.) Os impérios europeus foram capazes de penetrar na África não só porque tinham a metralhadora Maxim; eles também conceberam vacinas contra doenças tropicais às quais os africanos eram igualmente vulneráveis.

Da mesma maneira, a industrialização precoce do Ocidente refletia vantagens institucionais: a possibilidade de uma sociedade de consumidores em massa existia nas ilhas britânicas bem antes do advento e da disseminação da energia a vapor ou do sistema fabril. Mesmo quando a tecnologia industrial estava disponível quase universalmente, a diferença entre o Ocidente e o restante do mundo persistiu: de fato, tornou-se ainda maior. Sem um maquinário totalmente padronizado de fiação e tecelagem de algodão, o trabalhador europeu ou norte-americano ainda era capaz de trabalhar de maneira mais produtiva, e seu empregador capitalista de acumular riqueza mais depressa do que seus pares orientais. O investimento em saúde e em educação pública deu bons resultados; onde não houve investimento, as pessoas continuaram pobres. Este livro é sobre todas essas diferenças – por que existiram e por que foram tão importantes.

Até agora, usei palavras como “Ocidente” e “ocidental” de maneira mais ou menos aleatória. Mas exatamente a

que – ou a que lugar – eu me refiro quando digo “civilização ocidental”? Os homens brancos anglo-saxões protestantes do pós-guerra costumavam situar o Ocidente (também conhecido como “o mundo livre”), de maneira mais ou menos instintiva, em um corredor relativamente estreito que ia (certamente) de Londres a Lexington, Massachusetts, e (possivelmente) de Estrasburgo a São Francisco. Em 1945, quando esses homens tinham acabado de voltar dos campos de batalha, a primeira língua do Ocidente era o inglês, seguida de um francês hesitante. Com o sucesso da integração europeia nos anos 1950 e 1960, o clube ocidental se expandiu. Hoje, poucos discordariam que os Países Baixos, a França, a Alemanha, a Itália, Portugal, a Escandinávia e a Espanha pertencem ao Ocidente, ao passo que a Grécia é um membro extraoficial, apesar de sua fidelidade posterior ao cristianismo ortodoxo, graças à nossa dívida duradoura para com a filosofia helênica antiga e às dívidas mais recentes dos gregos para com a União Europeia.

Mas e quanto ao restante do sul e do leste do Mediterrâneo, abarcando não só os Bálcãs ao norte do Peloponeso, como também a África do Norte e a Anatólia? E quanto ao Egito e à Mesopotâmia, berços das primeiras civilizações? A América do Sul – colonizada por europeus tanto quanto a América do Norte, e geograficamente no mesmo hemisfério – é parte do Ocidente? E quanto à Rússia? A Rússia europeia é verdadeiramente ocidental, mas a Rússia além dos montes Urais será, em alguns aspectos, parte do Oriente? Durante toda a Guerra Fria, a União Soviética e seus satélites foram chamados de “bloco oriental”. Mas sem dúvida há razões para afirmar que a União Soviética foi um produto da civilização

ocidental tanto quanto os Estados Unidos. Sua ideologia central tinha a mesma origem vitoriana que o nacionalismo, o abolicionismo e o sufrágio universal feminino: nasceu e se formou na velha sala de leitura circular da Biblioteca Britânica. E sua extensão geográfica era um produto da expansão e da colonização europeia tanto quanto o povoamento das Américas. Na Ásia Central, assim como na América do Sul, os europeus governavam os não europeus. Nesse sentido, o que aconteceu em 1991 foi simplesmente a morte do último império europeu. Mas a mais influente das definições atuais de civilização ocidental, a de Samuel Huntington, exclui não só a Rússia como todos os países com tradição religiosa ortodoxa. O Ocidente de Huntington consiste apenas de Europa Ocidental (excluindo o Leste Ortodoxo), América do Norte (excluindo o México) e Australásia. Grécia, Israel, România e Ucrânia não foram escalados; nem as ilhas caribenhas, apesar do fato de muitas serem tão ocidentais quanto a Flórida.

“O Ocidente”, então, é muito mais do que apenas uma expressão geográfica. É um conjunto de normas, comportamentos e instituições com fronteiras nebulosas ao extremo. As implicações disso são dignas de análise. É realmente possível que uma sociedade asiática se torne ocidental ao adotar as formas ocidentais de se vestir e fazer negócios, como fez o Japão a partir da era Meiji, e como grande parte do restante da Ásia parece estar fazendo agora? Tempos atrás, esteve em voga insistir que o “sistema mundial” capitalista impunha uma divisão de trabalho permanente entre o Ocidente – o centro – e o Resto – a periferia. Mas e se o mundo inteiro acabar sendo ocidentalizado, pelo menos quanto à aparência e ao estilo de vida? Ou será que, conforme argumentou

Huntington, as outras civilizações são mais resilientes – sobretudo a civilização “sínica”, ou seja, a Grande China, e o Islã, com suas “entranhas e fronteiras sangrentas”? Até que ponto a adoção de modos ocidentais de operar é meramente uma modernização superficial, sem qualquer profundidade cultural? Essas perguntas serão abordadas a seguir.

Outro enigma com relação à civilização ocidental é que a falta de unidade parece ser uma de suas características decisivas. No início dos anos 2000, muitos analistas norte-americanos reclamavam do “alargamento do Atlântico” – a ruptura dos valores comuns que uniam os Estados Unidos a seus aliados da Europa Ocidental durante a Guerra Fria. Se, em comparação com a época em que Henry Kissinger foi secretário de Estado, ficou um pouco mais fácil saber a quem um estadista norte-americano deveria chamar quando quisesse falar com a Europa, ficou mais difícil dizer quem atende o telefone em nome da civilização ocidental. Mas a divisão atual entre a América do Norte e a “Velha Europa” é branda e amigável em comparação com os grandes cismas do passado, por religião, por ideologia – e até mesmo pelo significado da própria civilização. Durante a Primeira Guerra Mundial, os alemães afirmaram estar travando a guerra de uma *Kultur* mais elevada contra uma *civilisation* anglo-francesa espalhafatosa e materialista (a distinção foi feita por Thomas Mann e Sigmund Freud, entre outros). Mas essa distinção foi difícil de conciliar com o incêndio da Biblioteca da Universidade de Leuven e as execuções sumárias dos civis belgas na primeira fase da guerra. Os propagandistas britânicos replicaram, definindo os alemães como “hunos” – bárbaros além dos limites da civilização –, e chamaram a própria guerra de “a grande

guerra pela civilização” em sua medalha da vitória. Falar do “Ocidente” como civilização unitária tem mais sentido hoje do que em 1918?

Por fim, vale lembrar que a civilização ocidental já havia decaído e sucumbido antes. As ruínas romanas espalhadas por toda a Europa, pelo Norte da África e pelo Oriente Próximo servem como lembretes contundentes disso. A primeira versão do Ocidente – a Civilização Ocidental 1.0 – surgiu no chamado Crescente Fértil, estendendo-se do vale do Nilo à confluência dos rios Eufrates e Tigre, e alcançou seu auge com a democracia ateniense e o Império Romano. Os principais elementos de nossa civilização atual – não só a democracia, como também o atletismo, a aritmética, o direito civil, a geometria, o estilo clássico de arquitetura e uma proporção considerável das palavras em inglês moderno – têm suas origens no antigo Ocidente. Em seu apogeu, o Império Romano foi um sistema incrivelmente sofisticado. Grãos, manufaturas e moedas circulavam em uma economia que ia do norte da Inglaterra à cabeceira do Nilo; os estudos acadêmicos floresceram; havia lei, medicina e até centros de compras, como o Fórum de Trajano, em Roma. Mas essa versão da civilização ocidental se deteriorou rapidamente no século V d.C., arruinada por invasões bárbaras e divisões internas. No espaço de uma geração, Roma, a grande metrópole imperial, estava em ruínas, os aquedutos, quebrados, os esplêndidos mercados ao ar livre, desertos. O conhecimento do Ocidente clássico teria sido totalmente perdido se não fosse pelos bibliotecários de Bizâncio, pelos monges da Irlanda e pelos papas e padres da Igreja Católica Romana – e não podemos esquecer os califas abássidas. Sem sua liderança, a civiliza-

ção do Ocidente não poderia ter ressurgido como ressurgiu na Itália renascentista.

O declínio e a queda são o destino que paira sobre a Civilização Ocidental 2.0? Em termos demográficos, faz muito tempo que a população das sociedades ocidentais representa uma minoria dos habitantes do mundo, mas hoje ela está visivelmente definhando.

FR**NTEIRAS**
DO PENSAMENTO